





ESPETÁCULO: “ORLANDO –UM PRÓLOGO”

SINOPSE:

O solo “ORLANDO - UM PRÓLOGO” de Ludmilla Ramalho aborda temas como solidão, amor, morte e androgenia, tendo como foco de pesquisa o romance “Orlando: Uma Biografia” (1928), de Virginia Woolf. A dramaturgia e a encenação do solo exploram o chamado “fluxo de consciência”, muito usado por Virgínia Woolf, técnica narrativa moderna que apresenta a consciência do personagem de modo ideal, sem interferência do autor/narrador ou de qualquer elemento externo.

A photograph of two figures from behind, wearing black dresses with sheer, dark veils. The figure on the left is holding a lit cigarette, with a wisp of smoke rising from it. The background is a soft, hazy landscape with hills under a pale sky. The overall mood is dramatic and artistic.

FICHA ARTÍSTICA

Atuação: Ludmilla Ramalho

Direção: Diego Bagagal

Dramaturgia:
Diego Bagagal e Ludmilla Ramalho

Figurino: Sônia Pinto

Iluminação: Leonardo Pavanello

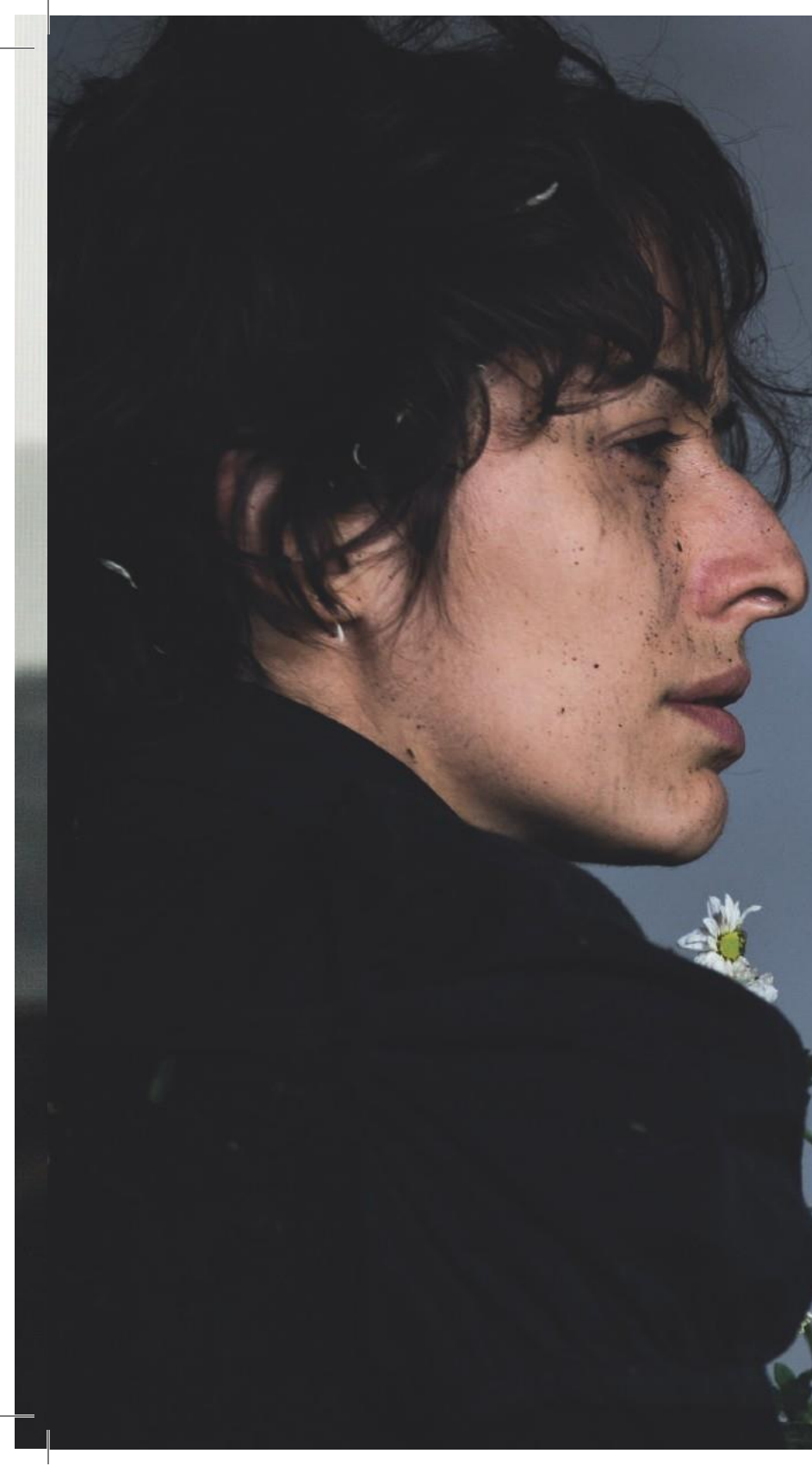
Consultoria teórica:
Mariana Lage



SOBRE A OBRA "ORLANDO – UMA BIOGRAFIA":

"Orlando: uma biografia" é uma obra de Virginia Woolf (1882-1941), influente escritora inglesa do século 20, com grandes contribuições para o movimento feminista ocidental. Publicado em 1928, o romance é dedicado à Vita Sackville-West, por quem Virginia Woolf foi apaixonada e com quem desenvolveu uma grande amizade e cumplicidade, e conta a história extraordinária de um protagonista sexualmente mutante ao longo de quatro séculos, embora tenha envelhecido pouco mais de 36 anos. Durante todo esse tempo, ele é pajem da Rainha Elizabeth I, galã na corte do Rei Jaime, embaixador nos pomposos palácios de Constantinopla até sofrer uma miraculosa transformação.

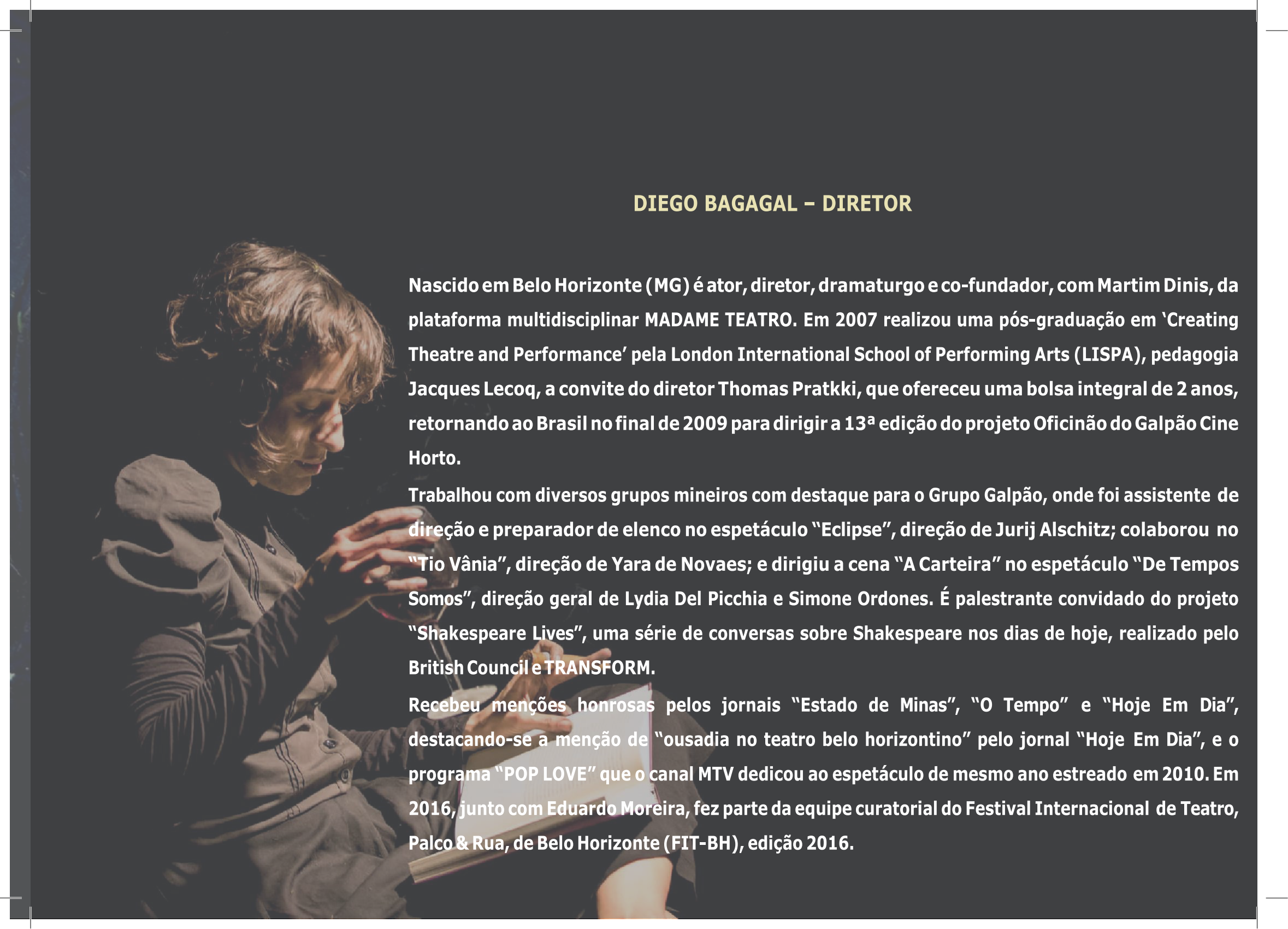
A vida de Orlando é excepcional, embora seja narrada com muita naturalidade. No começo da narrativa, Orlando é apresentado como alguém do sexo masculino. Apesar do seu gosto pela poesia e pela solidão, que o acompanhará em toda a vida, Orlando tem as atitudes esperadas de um comportamento masculino da época. A personagem, ao longo da narrativa, passa por alguns transes em que é acometida por um sono profundo durante dias e, quando acorda, age naturalmente, como se nada tivesse acontecido. Em um desses transes, no terceiro capítulo, ocorre uma mudança extraordinária e Orlando acorda mulher. Ele/ela é retratado como um ser raro, devido aos seus questionamentos existenciais – o que é vida, o que é amor – e à sua paixão pela solidão, pela natureza, pela poesia e pela sabedoria. Existe uma vontade de se compreender (ou de se encontrar?) e de não aceitar que a vida seja medíocre, como se o desejo de encontrar algo que fosse pleno o impulsione a viver, cada dia com mais entusiasmo. Um ser excepcional e diferente dos outros. Talvez por isso, não pôde ficar resignado a apenas um sexo. Ser masculinamente feminina e femininamente masculino, experimentando as delícias e as auguras de ambos os gêneros.



LUDMILLA RAMALHO –ATRIZ E PERFORMER

Atriz, performer e diretora é graduada em Teatro pela UFMG (2009) e Pós Graduada na especialização Arte da Performance pela Faculdade Angel Vianna (2012 - RJ). Iniciou seus estudos na área das artes em 2004. Há 7 anos coordena sua Cia, a AFETA e desenvolve pesquisa autorais na área de teatro, performance e dança. Atualmente, está em repertório como atriz/performer com os espetáculos “180 dias de Inverno”(Cia Afeta) baseado na obra do multi artista Nuno Ramos. Na área da performance, trabalha em parceria com os multiartistas Marco Paulo Rolla e Marcelo Kraiser. Realiza as performances “Fuck Her”, “Ordem e progresso”, “Eu me rendo”, “In memoriam” e “Quando tudo se desfaz”, todas de sua autoria. Como diretora, estreou o premiado solo “Talvez eu me despeça” com a atriz Beatriz França em 2013, com o qual realizou turnês internacionais na Argentina e em Portugal.

É idealizadora do projeto “Ciclo de Mujeres de Brasil. A artista foi agraciada com mais de 10 prêmios e se apresentou nos principais festivais de teatro do país, além de ter sido indicada melhor atriz pelo prêmio Sinparc por 2 anos consecutivos. 2010 - Prêmio Myriam Muniz – Montagem “180 Dias de Inverno”, 2010 - Prêmio de melhor espetáculo no Mixsórdia - “180 Dias de Inverno”; 2011 - Prêmio de melhor trilha sonora (Sinparc Usiminas) além de mais 7 indicações em outras categorias - “180 Dias de Inverno”; 2011 - Prêmio de melhor iluminação pelo espetáculo “180 dias de inverno” (Sesc/Sated-MG); 2012 - Indicação de melhor atriz com o espetáculo “180 dias de Inverno” e “Isso que chamamos, talvez por engano, de amor”; 2014 - Prêmio Cenas Minas – Circulação “180 Dias de Inverno” ; 2015- Prêmio de melhor trilha sonora (Sinparc Copasa).



DIEGO BAGAGAL – DIRETOR

Nascido em Belo Horizonte (MG) é ator, diretor, dramaturgo e co-fundador, com Martim Dinis, da plataforma multidisciplinar MADAME TEATRO. Em 2007 realizou uma pós-graduação em 'Creating Theatre and Performance' pela London International School of Performing Arts (LISPA), pedagogia Jacques Lecoq, a convite do diretor Thomas Pratkki, que ofereceu uma bolsa integral de 2 anos, retornando ao Brasil no final de 2009 para dirigir a 13ª edição do projeto Oficínio do Galpão Cine Horto.

Trabalhou com diversos grupos mineiros com destaque para o Grupo Galpão, onde foi assistente de direção e preparador de elenco no espetáculo "Eclipse", direção de Jurij Alschitz; colaborou no "Tio Vânia", direção de Yara de Novaes; e dirigiu a cena "A Carteira" no espetáculo "De Tempos Somos", direção geral de Lydia Del Picchia e Simone Ordones. É palestrante convidado do projeto "Shakespeare Lives", uma série de conversas sobre Shakespeare nos dias de hoje, realizado pelo British Council e TRANSFORM.

Recebeu menções honrosas pelos jornais "Estado de Minas", "O Tempo" e "Hoje Em Dia", destacando-se a menção de "ousadia no teatro belo horizontino" pelo jornal "Hoje Em Dia", e o programa "POP LOVE" que o canal MTV dedicou ao espetáculo de mesmo ano estreado em 2010. Em 2016, junto com Eduardo Moreira, fez parte da equipe curatorial do Festival Internacional de Teatro, Palco & Rua, de Belo Horizonte (FIT-BH), edição 2016.

